

## Desvendando a estrutura informacional de [ATÉ X] em português, em uma perspectiva baseada no uso

Diego Leite de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo explora o potencial expressivo da construção [ATÉ X] em português, em uma perspectiva construcionista baseada no uso (LAMBRECHT, 1994; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; CROFT, 2001; DIESSEL, 2019). Para isso, vale-se de dois procedimentos metodológicos: a análise qualitativa de instâncias reais de uso da língua e a análise introspectiva. Como hipóteses centrais de investigação figuram: 1) *até* como elemento léxico-gramatical pode evocar pressuposições interpretáveis à luz do co-texto e do contexto comunicativo; 2) o padrão construcional [ATÉ X] com semântica de inclusão tende a ser recrutado para o domínio focal da sentença. Os resultados da análise indicam que, dada a semântica escalar de *até* que enquadra o elemento que figura em X no limite de uma escala, o padrão construcional em pauta permite evocar a pressuposição de que a situação ou o participante descrito em X seria o menos provável a ocupar o slot X, gerando uma quebra de expectativa e, com isso permitindo a interpretação de X sob o escopo da asserção, portanto, como elemento focal.

**Palavras-chave:** Até; Estrutura da Informação; Pressuposição; Asserção; Foco.

### Introdução

Neste artigo investigo a sequência [ATÉ X] com semântica de inclusão como uma construção em português, ilustrada pelos exemplos em caixa alta em (1) e (2) abaixo, extraídos do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp):

- (1) **Esther Hamburger:** Você fala no livro que a novela não representa mais a novidade que ela representava.  
**Daniel Filho:** Ela não é mais a novidade, mas ela realmente faz parte da vida do brasileiro. Ela está incorporada, está entranhada; eu tenho um enorme respeito pela novela, porque eu acho que ela representa, de uma forma ou de outra, um tipo de literatura que o brasileiro fez com o maior sucesso. Pelo menos a nossa novela teve uma exportação, ela teve uma colocação, e tem ainda uma colocação mundial. *[Ela] desenvolveu autores, influencia [ATÉ O CINEMA], influencia [ATÉ A LITERATURA BRASILEIRA]*. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2001. Daniel Filho).
- (2) **Heródoto Barbeiro:** Gabriela, uma prostituta pode formar família?  
**Gabriela Leite:** Claro.  
**Heródoto Barbeiro:** Ela pode casar?

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Letras - Português/Russo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0601-4131>. E-mail: [diegooliveira@letras.ufrj.br](mailto:diegooliveira@letras.ufrj.br).

**Gabriela Leite:** Pode. Eu conheço muitas prostitutas, amigas minhas, casadas.

**Margareth Rago:** Você tem uma família, né?

**Gabriela Leite:** Eu tenho uma família, minhas amigas todas têm família, todo mundo tem família, e normalmente famílias grandes, né? Não é o meu caso, tenho uma família pequena, mas as prostitutas têm família grande, muitos filhos e tal, evidentemente. *São muito boas mães e às vezes [ATÉ CONSERVADORAS]*. Eu tenho colegas que têm o maior sonho que a filha case virgem. [risos] (MEMÓRIA RODA VIVA. 2009. Gabriela Leite).

O elemento *até* em instâncias como (1) e (2) pode ser caracterizado como advérbio ou palavra denotativa com semântica de inclusão (VILELA; KOCH, 2001; AZEREDO, 2008; CASTILHO, 2010), cujo papel é o de “incluir [...] indivíduos de um conjunto” (cf. CASTILHO, 2010, p. 575). De fato, a leitura que se pode fazer das sequências em que o elemento *até* ocorre, em (1), é que cinema e literatura brasileira estão incluídos no conjunto de áreas que a novela pode influenciar, e, em (2), que a falante inclui, no conjunto de suas colegas, um grupo de mães conservadoras. No entanto, a sequência [ATÉ X] com semântica de inclusão parece ser, de uma forma geral, ainda pouco explorada no que diz respeito tanto à sua configuração formal, quanto ao seu potencial expressivo. Um olhar superficial sobre o comportamento dessa sequência permite inferir que há um rol de significados, em sentido amplo, ainda não descritos para a construção em português.

Neste trabalho, proponho que o elemento *até* na cadeia sequencial em que se encontra parece formar – em combinação com o elemento subsequente – uma construção, que pode ser formulada esquematicamente como [ATÉ X], a qual, além de veicular semântica de inclusão, como comumente defendido em estudos sobre o elemento em pauta (VIARO, 2007; CASTILHO, 2010), parece contribuir com mais significados em níveis diversificados, envolvendo a interface semântico-pragmática. Neste trabalho, darei atenção especial ao nível da estrutura informacional da sentença, doravante denominada EI. O trabalho se vale do arcabouço teórico geral oferecido pela Gramática de Construções Baseada no Uso, a partir de agora rotulada GCBU (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; CROFT, 2001; DIESSEL, 2019), e, mais especificamente, da proposta construcionista para o tratamento da EI (LAMBRECHT, 1994, 2000).

A EI tem atraído linguistas, desde os primórdios de desenvolvimento de estudos construcionistas, na década de 1980 (LAMBRECHT, 1986). De lá para cá muitos esforços vêm sendo envidados, no sentido de entender como as construções são motivadas por necessidades

específicas dos falantes em relação à codificação da sentença, inclusive em termos informacionais (GOLDBERG, 1995, 2006; LAMBRECHT, 2000, 2001; GRIES, 2003; PATTEN, 2013; LEITE DE OLIVEIRA, 2018, 2019, 2022). Porém, a despeito dos avanços obtidos nesse campo, há ainda um amplo rol de pontos a serem desbravados, principalmente no que diz respeito à codificação da EI em construções específicas, a interação da EI com a expressão de outros significados nas construções gramaticais e a combinação de construções da língua com especificações de EI. Pesquisas nessa área podem trazer contribuições importantes para o entendimento sobre a integração forma-significado nos estudos linguísticos.

O objetivo central deste artigo, portanto, é apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória sobre o comportamento pragmático da construção [ATÉ X], detendo-se em como essa construção pode estar associada ou não a especificações quanto à estrutura informacional das sentenças em que ocorre. Considerando o quadro teórico da GCBU, adoto duas hipóteses centrais: 1) dada sua semântica escalar, *até* como elemento léxico-gramatical pode evocar pressuposições interpretáveis à luz do co-texto e do contexto comunicativo, associadas a X; 2) o padrão construcional [ATÉ X] com semântica de inclusão tende a ser recrutado para o domínio focal da sentença, por apresentar aspectos semântico-pragmáticos compatíveis com a marcação de foco, correlacionados à primeira hipótese.

Organizo o artigo da seguinte forma: nesta seção forneço uma breve introdução; na próxima, reviso, brevemente, alguns estudos descrevendo o elemento *até* na literatura, e, na seção 3, o arcabouço teórico da GCBU, que fundamenta este trabalho, principalmente quanto ao estudo da EI; na quarta seção, faço alguns apontamentos metodológicos adotados no trabalho; na quinta seção, desenvolvo a análise da construção [ATÉ X] em si, em termos de forma e função; e, na seção 6, apresento uma discussão da construção à luz da análise desenvolvida. Para finalizar, trago algumas considerações gerais, na sétima seção.

## **O elemento *até* na literatura linguística**

Tradicionalmente, o elemento *até* vem sendo descrito como preposição, advérbio (ou palavra denotativa) de inclusão ou conjunção, a depender do contexto estrutural em que ocorre e do valor semântico expresso (VILELA; KOCH, 2001; PEREIRA; POGGIO; HEINE, 2004; BECHARA, 2006; VIARO, 2007; AZEREDO, 2008; ROSÁRIO, 2007; CASTILHO, 2010).

Como preposição, Bechara (2006) caracteriza *até* como sendo de caráter dinâmico, indicando movimento de aproximação a um ponto, de chegada a um limite (cf. BECHARA, 2006, p. 369-371). Castilho (2010), por sua vez, caracteriza *até* como pertencendo à classe de preposições do eixo espacial horizontal, as quais “dispõem a figura em pontos específicos de um percurso imaginário” (CASTILHO, 2010, p. 596). Nesse percurso imaginário, *até* é caracterizado pelo estudioso como pertencendo ao conjunto de preposições que indicam o ponto final do percurso, atribuindo o papel semântico de meta ao seu complemento, como nos exemplos (3) e (4) abaixo:

- (3) Todos aqueles ...que vão... até lá em busca de paz de sossego e de tranquilidade (CASTILHO, 2010, p. 599).
- (4) Eu tenho que ir até em casa buscar o carro senão não cabe ...((risos)) num taxi. (CASTILHO, 2010, p. 599).

Como advérbio ou palavra denotativa de inclusão, *até* é caracterizado por Castilho (2010, p. 575) como aquele elemento cuja função é incluir indivíduos de um conjunto, em que “o referente do substantivo que ele toma por escopo fica incluído no ponto máximo numa escala argumentativa”, corroborando com o que já foi defendido por Vogt (1977), Guimarães (1987) e Viaro (1995 apud CASTILHO, 2010, p. 575). Exemplos desse tipo de uso são também fornecidos pelo autor e um deles é reproduzido aqui, em (5):

- (5) Morar no centro da cidade...perto de tudo...nos locais onde tem assim mais facilidade até de comunicação ou de solidão (CASTILHO, 2010, p. 575).

Castilho argumenta, ainda, que a combinação de elementos da sentença com *até* como advérbio explicitando um ponto máximo – o final de um trajeto – tem permitido que tal partícula figure em posição final da sentença, após o verbo, como no exemplo fornecido em (6), extraído de Castilho (2010, p. 576). Neste artigo, contudo, casos como esse não serão investigados.

- (6) Mas assim... pode chama de comida exótica até... inclusive as bebidas (CASTILHO, 2010, p. 576).

Em relação às mudanças semânticas de *até* no século XIX, Viaro (2007) identifica o funcionamento desse elemento como preposição (quando é parte da correlação com *de* ou *desde*, em associação a verbo de movimento, participando de SPrep em combinação com

advérbio ou na formação de demais adjunções adverbiais, na combinação *até a*), como advérbio (em apostos explicativos encabeçados por *até*, em argumentos e adjuntos formados por SPreps antecidos por *até*) e como conjunção (quando *até* antecede orações desenvolvidas ou reduzidas). Interessantes para esta pesquisa são alguns dados identificados e caracterizados por Viaro como casos em que *até* é utilizado para indicar o resultado ou o limite de um *crescendum*. Ao investigar contextos de enumeração, Viaro cita exemplos como (7), abaixo, em que analisa *até* como um advérbio, um marcador capaz de incluir elementos em uma escala, no caso em questão, uma escala imaginária de dificuldade de limpeza, na qual alguns dos participantes do conjunto são citados previamente.

- (7) [RJ/RJ A 19 2] Com ele se limpam todos os objectos do uso tanto de metal como de louça ou vidro, até de madeiras pintadas, como portas, portadas, etc. (Diário de Notícias, 12 de julho de 1869) (VIARO, 2007, p. 151).

Observa-se em (7) que a escala de dificuldade de limpeza é explicitada, incluindo-se metal, louça ou vidro e, como limite desse *crescendum* – ou dessa escala, nos termos de Castilho (2010) – elementos de madeira (madeiras pintadas, portas, portadas etc.). Aqui, Viaro chama atenção para o que denominou elemento-surpresa, qual seja, a capacidade de o produto poder limpar objetos de madeira pintada. O autor fornece, ainda, outros exemplos de igual teor, que podem ser conferidos em Viaro (2007, p. 151). O que chama a atenção na pesquisa de Viaro é que, além da percepção do estudioso em relação à semântica escalar desse elemento – o que também é apontado por Castilho em consonância com outros pesquisadores mencionados – o pesquisador salienta o que denominou elemento-surpresa.

A esse propósito Raposo *et al.* (2013)<sup>2</sup>, na *Gramática do Português* publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, ressalta a função de *até* como um advérbio focalizador inclusivo, cujo “valor consiste em adicionar entidades representadas no foco a um conjunto (pressuposto) mais vasto de entidades [...] que participam de uma dada situação” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 1671-1672). Para além disso, Raposo *et al.* (2013) defendem que a inclusão de entidades nesse conjunto consistiria em “motivo de surpresa para o falante” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 1672), corroborando em alguma medida a proposta de Viaro (2007). Mais abaixo, na

<sup>2</sup> Um agradecimento especial a Maria Margarida Simões por fornecer-me o acesso à Gramática do Português, organizada por Raposo *et al.* (2013).

seção de discussão, pretendo discutir o que Viaro (2007) e Raposo *et al.* (2013) discutem como “fator surpresa”, em termos de quebra de expectativa.

### **Gramática de Construções Baseada no Uso e a categoria de foco**

O termo Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) cobre um conjunto de perspectivas construcionistas que compartilham entre si uma concepção de língua específica, a qual postula primordialmente, porém não exclusivamente, que a gramática como representação do sistema linguístico do falante emerge a partir da aplicação, pelo usuário da língua, de processos cognitivos de domínio geral a dados da experiência linguística concreta (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010).

Essa premissa fundamental correlaciona-se ao pressuposto de que conhecimento linguístico também é conhecimento (GOLDBERG, 1995) e que, portanto, o modo como os indivíduos constroem e organizam a representação cognitiva da língua não deve ser assim tão diferente do modo como os indivíduos constroem e organizam o conhecimento em geral, perspectiva também adotada neste trabalho. Com isso, defende-se que habilidades cognitivas como rotinização, categorização, analogia, associação, armazenagem mnemônica, segregação figura-fundo, entre outras – também inerentes a outros sistemas cognitivos – são de fundamental importância para o desenvolvimento do conhecimento linguístico (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019).

Além disso, concepções linguísticas baseadas no uso tendem a adotar modelos de redes para a representação do conhecimento linguístico, considerando não só, mas principalmente, hierarquias taxonômicas de organização, geralmente em uma forma de representação não reducionista – pelo contrário, geralmente redundante – que parte da representação mais específica – portanto, mais diretamente ligada à experiência linguística –, sendo abstraída em representações hierarquicamente mais esquemáticas (LANGACKER, 2000; DIESSEL, 2019). Diessel (2019) propõe um modelo de redes aninhado, ou seja, um modelo em que “nós em um nível de análise compreendem redes em outro nível de análise” (DIESSEL, 2019, p. 11).

Nesse sentido, o elemento fundamental de organização da rede do conhecimento linguístico é a construção, que figura como nó nessa rede e é concebida como uma unidade simbólica convencionalizada, a qual parecia, por um lado, forma linguística – codificada em



termos fonológicos e/ou morfológicos e/ou sintáticos – e, por outro lado, função ou significado – codificada em termos semânticos e/ou pragmáticos e/ou discursivo-funcionais (CROFT, 2001)<sup>3</sup>.

Neste trabalho, como já mencionado, postulo que a sequência [ATÉ X] com semântica de inclusão constitui uma construção, ou seja, uma associação simbólica entre um polo formal e um polo funcional, tal como proposto por Goldberg (1995, 2006, 2019) e Croft (2001), supramencionados. No que se refere ao polo formal, postula-se a presença do elemento fixo *até* e um elemento subsequente X, que, como será observado na seção de análise, pode ter funções sintáticas e configurações morfológicas distintas. Quanto ao polo funcional, do ponto de vista semântico, a construção exibe o significado de inclusão de elementos de um conjunto, mas, além disso, carrega propriedades no âmbito pragmático-discursivo, associadas a uma predileção ou atração da construção estudada em relação ao domínio focal da sentença, pelo menos de maneira não marcada. Nessa construção, portanto, existem relações associativas do tipo simbólico, que ligam a sequência formal [ATÉ X] às funções semânticas e pragmático-discursivas por ela expressas, seguindo a proposta de Diessel (2019) de um modelo de redes aninhado, em que no nível da construção também se observa uma rede ligando forma e função (DIESEL, 2019, p. 11).

Como mencionado, além das especificações formais propostas com base no que se pode inferir sobre a construção, a partir da revisão da literatura apresentada na seção anterior, dada à semântica escalar do elemento *até*, a construção pode evocar pressuposições específicas, associadas a X, ao co-texto e ao contexto comunicativo. Sobre esses aspectos, relacionados à EI, discorro nas linhas que se seguem.

Segundo Lambrecht (1994), a EI constitui um domínio da gramática da sentença e pode ser compreendida de acordo com três dimensões: 1) a dimensão proposicional, em que se observa uma distinção primordial entre pressuposição pragmática e asserção pragmática; 2) a dimensão da ativação dos referentes na sentença, em que se observam as categorias de identificabilidade e ativação; e 3) a dimensão da relação entre proposições e referentes, na qual

---

<sup>3</sup> A depender da versão construcionista baseada no uso, pode haver algumas distinções quanto à utilização ou não do termo construção, a formulação do conceito em si, assim como sua abrangência, mas para as finalidades deste artigo, compreendo construção como qualquer pareamento entre forma e função, seguindo a especificação dos polos tal como sugerida pelo já mencionado Croft e admitindo que elas podem se combinar umas com as outras, a depender de suas especificações, de modo a assegurar o caráter gerativo e criativo da linguagem (GOLDBERG, 2006, 2019). As distinções observadas em relação à caracterização de uma construção podem ser conferidas em trabalhos como Langacker (1987, 2008); Goldberg (1995, 2006, 2019); Croft (2001); Diessel (2019).

se identificam as categorias tópico e foco (LAMBRECHT, 1994). Dessas três dimensões, para as finalidades deste artigo, discorrerei apenas sobre a dimensão proposicional e, na dimensão da relação entre proposições e referentes, sobre a categoria relacional de foco<sup>4</sup>.

No que tange à dimensão proposicional, Lambrecht defende que só se pode falar em informação quando se está lidando com conteúdo proposicional (LAMBRECHT, 1994, p. 43-50). Dessa forma, em uma troca comunicativa, os falantes de uma língua desenvolveriam essa troca por meio da enunciação de sentenças associadas a proposições específicas. No sentido de fazer com que um discurso se desenvolva, o falante se apoiaria em um conjunto de proposições léxico-gramaticalmente evocadas, que ele considera que seu interlocutor já conheça ou esteja disposto a assumir como dadas, para, com isso, introduzir o tipo de informação que considera ser nova, também por meio de uma proposição. Assim, proposições compartilhadas com o ouvinte, evocadas léxico-gramaticalmente, são caracterizadas como pressuposições pragmáticas, ao passo que a proposição que veicula a informação nova, ou seja, a informação que o falante espera que o ouvinte passe a conhecer após ter ouvido a sentença, é caracterizada como asserção pragmática<sup>5</sup>.

A título de ilustração é possível citar o exemplo clássico fornecido por Lambrecht, porém em tradução para o português, “*Eu finalmente conheci a mulher que mudou para o andar de baixo*”. Aqui um conjunto de pistas léxico-gramaticais contribui para evocar uma série de pressuposições que o falante assume serem compartilhadas ou que o interlocutor estaria disposto a assumir como dadas no momento da enunciação, a saber: 1) o interlocutor conseguiria identificar o indivíduo do sexo feminino descrito no enunciado, o que se evidencia pelo uso do artigo definido; 2) alguém se mudou para o andar de baixo, o que se coloca através da oração relativa restritiva; 3) seria de alguma forma esperado, pelo interlocutor, que o falante tivesse conhecido a vizinha em algum momento anterior, o que é evidenciado pelo uso do advérbio finalmente<sup>6</sup>; 4) é possível sugerir que os usos do pronome pessoal *eu* e do pronome

<sup>4</sup> Para informação sobre a dimensão de identificabilidade e informação e sobre a categoria de tópico, conferir Lambrecht (1994, 2000).

<sup>5</sup> Pressuposição e asserção pragmáticas distinguem-se dos conceitos de pressuposição e asserção lógicas, por desconsiderarem em sua caracterização condições de verdade. Segundo Lambrecht (1994), para fins pragmáticos, uma sentença enunciada poderia ser considerada falsa e ainda assim causar um impacto na mente dos usuários da língua em termos informacionais.

<sup>6</sup> Considerando o exemplo salientado por Lambrecht, que afirma que o advérbio finalmente evoca a pressuposição de que seria esperado que o falante tivesse conhecido a vizinha em momento anterior, podemos verificar que o mesmo elemento lexical que evoca uma pressuposição pode interagir para a veiculação de informação nova na sentença, qual seja a de que no fim das contas, a expectativa envolvida nessa proposição pressuposta foi satisfeita. Esse ponto é relevante para esse artigo, pois até parece atuar de um modo relativamente semelhante.



relativo *que* evocam a pressuposição de que o interlocutor é capaz de assumir como dados os referentes desses pronomes no momento da enunciação; 5) a proposição expressa na primeira oração se constrói como relevante sobre o referente do pronome “eu”, ao passo que a proposição expressa na oração relativa se constrói como relevante sobre o referente do pronome “que”. (LAMBRECHT, 1994, p. 55-56).

Com efeito, o que se pretende comunicar ao interlocutor com o período enunciado é que o falante finalmente conheceu a nova vizinha. Portanto, a proposição expressa pela relativa restritiva presente no enunciado evoca informação pressuposta e auxilia a determinar o referente do sintagma “a mulher”, ativando-o na memória do interlocutor, referente sobre o qual este poderia não estar pensando no momento da enunciação. Para confirmar o argumento de que o que se pretende informar é que o falante conheceu a nova vizinha, Lambrecht sugere o “teste da mentira”, proposto originalmente por Eterschik-Shir e Lappin (1979, 1983 apud LAMBRECHT, 1994, p. 52). Nesse teste, sugere-se que um possível interlocutor diga “Isso não é verdade” (*ou não é verdade que* acompanhado da sentença enunciada) como resposta. Assim se obtém um tipo de enunciado que busca desafiar a veracidade da proposição de que o falante conheceu a vizinha e não a proposição de que uma mulher se mudou para o andar de baixo, codificada na forma da construção relativa restritiva.

Um outro exemplo que pode ser utilizado para aplicação do teste da mentira supracitado pode ser o uso de uma sentença que se vale da estratégia de clivagem. Se um falante diz “Foi João que chegou atrasado” e o interlocutor desafia a sentença dizendo “Isso não é verdade”, uma resposta desse tipo é entendida como desafiando a proposição de identificação de João como sendo aquele que chegou atrasado e não como desafiando a pressuposição de que alguém chegou atrasado, ou seja, a estratégia de clivagem codifica léxico-gramaticalmente a proposição “*alguém chegou atrasado*” como uma pressuposição pragmática e a proposição “*esse alguém que chegou atrasado pode ser identificado como sendo João*” como a asserção pragmática. Em suma, o assim chamado “teste da mentira” desafia asserções pragmáticas e não pressuposições pragmáticas. O leitor verá como esse teste pode ser aplicado a sentenças com a construção [ATÉ X], na seção de análise.

No que se refere à categoria de foco, esta é definida por Lambrecht como sendo o componente semântico de uma proposição estruturada pragmaticamente através do qual é possível diferenciar a asserção da pressuposição. Assumindo o exemplo de clivagem acima “Foi João que chegou atrasado”, tem-se como pressuposição léxico-gramaticalmente evocada

“Alguém chegou atrasado” e como asserção pragmática “Esse alguém que chegou atrasado é João”, de maneira que o elemento focal pode ser considerado o referente codificado na forma João. Nesse sentido, é possível dizer que o foco consiste no elemento central da asserção.

De um modo geral, as línguas naturais costumam apresentar estruturas focais de três tipos, a depender do domínio de incidência do foco, a saber: a) a estrutura de foco no predicado – considerada não marcada nas línguas naturais –, na qual o domínio de foco incide sobre o predicado da sentença; b) a estrutura de foco argumental, ou seja, aquela na qual o foco se restringe a apenas um dos argumentos da sentença em posição focal, podendo este ser, em termos sintáticos, sujeito, objeto ou adjunto; c) a estrutura de foco sentencial, aquela que o domínio focal se estende por toda sentença (LAMBRECHT, 1994, 2000). A título de ilustração, vejam-se os exemplos (8), (9) e (10) em que a construção [ATÉ X] é recrutada para codificar esses três tipos de estrutura de foco. Mais uma vez, os exemplos foram extraídos do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp).

(8) Estrutura de foco no predicado:

**Heloísa Helena:** Muitas pessoas, quando a gente começou a fundação do PSOL, muitas pessoas que são muito queridas, amigas, pessoais minhas ou familiares, todo mundo dizia assim: “não invente de construir um novo partido, daqui a pouco vão degenerar, vão burocratizar, não invente de construir um novo partido”. *E eu [ATÉ BRINCAVA]* quando as pessoas diziam assim: “quem garante que se um dia lá vocês chegarem não vão trair também?” “Quem garante o que PSOL não vai burocrat...” (MEMÓRIA RODA VIVA. 2006. Heloísa Helena).

(9) Estrutura de foco argumental:

**Paulo Markun:** Aniz Maia, de Fortaleza, que é médico, pergunta: “Qual é o dado estatístico sobre mortalidade infantil mais confiável: do governo ou da Pastoral?”.

**Zilda Arns:** Eu creio... eu creio que da Pastoral é melhor, porque nós, independente de atestado de óbito ou atestado de nascimento, registro de nascimento, a criança nasceu, consta na estatística; morreu, consta, tenha ou não atestado. Inclusive, o nosso sistema de informação, que é considerado o melhor do mundo pelo Unicef [em inglês, United Nations Children's Fund ou Fundo das Nações Unidas para a Infância], Organização Mundial de Saúde... o próprio Ministério reconhece que nós temos um sistema de informação excelente, gostaria de entrosar conosco. *Nós sabemos [ATÉ A CAUSA DE MORTE]*, e não é o médico que nos dá. São as líderes comunitárias que descrevem como a criança morreu. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2011. Zilda Arns).

(10) Estrutura de foco sentencial:

**Soninha Francine:** Dunga, é um prazer estar aqui com você! Eu me lembro vivamente de uma matéria a seu respeito de quando você tinha vinte anos e veio para o Corinthians, que falava desse garoto muito talentoso, muito habilidoso. Parece que só eu me lembro disso! Eu

procurei no [site de buscas] Google pois queria muito recuperar essa matéria! Foi um momento em que você foi saudado como mais um talento tipicamente brasileiro que despontava ali no cenário. Depois, ao longo da sua carreira, sua reputação enquanto jogador foi totalmente diferente, quer dizer, com altos e baixos, mas com uma eficiência, sem muito enfeite, muita ginga, muito drible, coisa e tal. Você se lembra desse momento em que foi saudado como um jogador tipicamente brasileiro? *E [ATÉ ME SURPREENDEU UMA ENTREVISTA MAIS RECENTE], em maio do ano passado, em que você fala o seguinte: “De tanto ouvir, eu acreditei que eu só sabia defender”.* (MEMÓRIA RODA VIVA. 2009. Dunga).

Em (8), vemos uma sentença em que o elemento X da construção [ATÉ X] assume a forma de predicado “*até brincava*”. Nesse tipo de configuração, o sujeito – no caso, Eu – é tratado como o tópico e o comentário, como foco. Em (9), o elemento X da construção [ATÉ X] assume a forma de um dos argumentos da sentença, no caso específico em questão, o objeto direto, cujo referente consiste no foco da sentença. Por fim, em (10), temos uma estrutura de foco sentencial, em que uma sentença inteira ocupa o slot X, no caso, a construção de inversão instanciada por *Até me surpreendeu uma entrevista mais recente*.

Neste artigo, defendo que a construção [ATÉ X] tende a ocorrer no domínio de foco da sentença, independentemente do tipo de estrutura focal para a qual é atraída<sup>7</sup>, ou seja, a construção [ATÉ X] não estaria associada a uma estrutura focal específica, como parece ser o caso de construções clivadas, as quais tem como especificação a marcação de uma estrutura de foco argumental (LAMBRECHT, 2001; LEITE DE OLIVEIRA, 2019). Além disso, o elemento léxico-gramatical *até*, dada sua semântica escalar, estaria associado ao acionamento de pressuposições interpretáveis no co-texto e no contexto comunicativo, de forma similar ao advérbio finalmente discutido mais acima quando mencionei o exemplo clássico de Lambrecht, de modo que, em alguma medida, o que é afirmado na sentença pode indicar quebra de uma possível expectativa negativa em relação ao elemento codificado na posição X, o que Viaro (2007) e Raposo *et al.* (2013) parecem ter entendido como a indicação de um fator surpresa. Tal aspecto será discutido com maior detalhamento mais abaixo, em seção específica.

<sup>7</sup> Na verdade, como a estrutura de foco no predicado é considerada não marcada, pode se esperar que a [ATÉ X] seja observada com mais frequência nesse tipo de estrutura. No entanto, estudos empíricos de ordem quantitativa a serem desenvolvidos futuramente poderão confirmar ou refutar esta hipótese.

## Aspectos metodológicos

Esta pesquisa se apoia especificamente em dois procedimentos metodológicos: 1) a análise qualitativa de dados da construção [ATÉ X] em situações de uso real da língua, extraídos do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp)<sup>8</sup>; e 2) a análise introspectiva de dados, com base nas inferências do pesquisador como falante de língua portuguesa, em que avalia por meio de interpretação, com base em sua própria intuição, a viabilidade gramatical, semântica e pragmática de utilização da sequência [ATÉ X] em contextos inventados. Sobre esses dois procedimentos, teço alguns comentários breves a seguir.

No que se refere à análise qualitativa de dados extraídos de situações concretas de comunicação não controladas para fins de análise linguística, optei pela utilização do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp), pela facilidade de ter a transcrição de entrevistas ocorridas no programa Roda Viva transmitido pela TV Cultura. O interessante desse programa é que personalidades representantes de diversas áreas da sociedade são convidadas para uma entrevista na qual interagem com vários entrevistadores, também convidados para o programa, o que garante uma discussão e possibilita a produção de sequências textuais de diversos tipos, ainda que primordialmente argumentativas, favorecendo, pelo que foi observado, ocorrências da sequência [ATÉ X]. Para a análise desenvolvida neste artigo, selecionei 36 entrevistas entre os anos de 2001 e 2009 (equivalente a quatro entrevistas por ano, com número equivalente de entrevistados homens e mulheres<sup>9</sup>).

Para constituir o corpus, procedi à leitura das transcrições, com a devida filtragem dos dados de ocorrência da sequência [ATÉ X] com semântica de inclusão, tendo sido excluídos casos em que a referida sequência indicasse seu uso como preposição ou como conjunção. Além disso, foram feitas as seguintes exclusões: ATÉ em combinação com elementos aparentemente fixos ou que sinalizassem a possível formação de um bloco só, como mesmo (até mesmo), para (até para), porque (até porque), etc.; contextos ambíguos sobre se o escopo de interação do elemento *até* se dava com o termo antecedente ou subsequente; contextos em que a sentença em que a sequência [ATÉ X] ocorria era incompleta ou interrompida bruscamente, mesmo que continuada posteriormente. Após a coleta dos dados obtive um corpus com 172 ocorrências da

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://rodaviva.fapesp.br>. Acesso em: 5 fev. 2023.

<sup>9</sup> Sem quaisquer pretensões sociolinguísticas de análise.

sequência [ATÉ X]. A análise qualitativa empreendida explora as possibilidades de uso da sequência nos contextos das 172 ocorrências, considerando aspectos como natureza formal do elemento X (se SN, SAdj, SPREP, SV, S), função sintática de X, combinação com outras construções da língua, semântica de inclusão e escalaridade, domínio focal da sentença.

Com relação ao procedimento de introspecção, utilizei-o com vistas a explorar possibilidades não observadas nos dados de uso real encontrados. Em análises de dados reais, muitas vezes a falta de um determinado tipo de dado não indica necessariamente a sua inexistência ou impossibilidade na língua. Nesse sentido, uma análise interpretativa de dados manipulados pelo pesquisador, por meio de testes estruturais e de natureza semântico-pragmática, pode indicar caminhos possíveis de análise futura – verificável empiricamente a partir da ampliação da amostra de dados reais ou do desenvolvimento de análise experimental quantitativa posterior. O leitor, não familiarizado com o método e nem com os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática de Construções Baseada no Uso, poderá pensar que a avaliação de dados inventados sugerida aqui é contraditória com a premissa fundamental de modelos baseados no uso, já que conforme argumentam Barlow e Kemmer (2000), em um modelo baseado no uso, grande importância é dada à “observação de dados de uso real da língua” (BARLOW; KEMMER, 2000, p. XV). Contudo, os próprios pesquisadores não invalidam o uso de dados construídos com base na intuição do falante, desde que esse material seja tratado com o devido cuidado, assumindo um nível de variabilidade de aceitabilidade dos falantes da língua e considerando dados reais de uso da língua como ferramenta fundamental, exatamente o que proponho neste artigo, seguindo a linha de trabalho de diversos pesquisadores construcionistas como Langacker (1987, 2008), Lakoff (1987), Lambrecht (1994, 2000, 2001) e Goldberg (1995, 2006, 2019).

Na análise introspectiva desenvolvida aqui, como segundo passo na descrição da sequência [ATÉ X], lancei mão da manipulação de dados inventados com vistas a testar a congruência semântico-pragmática de sentenças com a referida sequência figurarem em contextos não associados ao domínio focal da sentença, ou seja, contextos em que a sequência em pauta figurasse sob o escopo da pressuposição e não da asserção. Essa proposta de análise visa a apresentar subsídios para sustentar, invalidar ou refinar a hipótese de que a sequência [ATÉ X] está associada a contextos de focalização na sentença. Caso essa hipótese não seja validável, a despeito de, em situações concretas de comunicação, não terem sido encontrados exemplos da sequência sob o escopo da pressuposição, espera-se que as sentenças com a

sequência analisada sejam congruentes do ponto de vista semântico-pragmático. Por outro lado, caso essa hipótese seja validável, espera-se que as sentenças com a sequência investigada fora do domínio focal, ou seja, no escopo da pressuposição sentencial, sejam consideradas incongruentes do ponto de vista semântico-pragmático, o que justificaria o desenvolvimento de um estudo empírico que pudesse contribuir para averiguar a viabilidade dessa hipótese estatisticamente. No caso em questão, a interpretação dos testes desenvolvidos é feita pelo próprio investigador por meio de análise introspectiva. Cabe salientar, mais uma vez, que considero a análise introspectiva um mecanismo auxiliar de análise e não o procedimento metodológico fundamente desta pesquisa. Esse procedimento pode contribuir, portanto, para o melhoramento da hipótese de trabalho e o consequente reforço de investigações sobre um conjunto mais amplo de dados de uso real da língua, no futuro próximo, ou o desenvolvimento de julgamentos de aceitabilidade ou experimentos psicolinguísticos testáveis empiricamente.

## Análise

### A forma de [ATÉ X]

Diante da observação de dados do português brasileiro, extraídos do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp), é possível verificar que diversos tipos de elementos formais podem ser recrutados para ocupar a posição X. Destacam-se aqui SNs, SAdjs, SPreps, SVs, além de sentenças inteiras, como é possível ver de (11) a (15), respectivamente, abaixo:

- (11) **Aracy Amaral:** E o Ferreira Gullar fez um projeto para ser construído na frente do Museu de Arte Moderna, em São Paulo, no parque Ibirapuera. O Gullar conseguiu [ATÉ UMA CARTA DO NIEMEYER], dando a permissão... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2001. Ferreira Gullar).
- (12) **Rubem Alves:** Deixa eu lhe dizer uma coisa: a escola não se move ao sabor das crianças, dos desejos das crianças. Por uma razão simplíssima e vou lhe explicar. Imagine que exista um homem que vive lá no interior e que acostumou a comer sempre angu, feijão, quiabo, jiló e picadinho de carne, que uma vez e outra deve ser [ATÉ GOSTOSO]. Aí ele vem para a cidade e vai a um restaurante grã-fino. Ele não sabe nada sobre camarões e tudo mais. Ele faz seu pedido, o que vai pedir? Arroz, feijão, jiló, picadinho de carne, porque ele não sabe. Essa é uma situação



- parecida com a das crianças. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2003. Rubem Alves).
- (13) **Ruth Rocha:** Eu tive contato, numa ocasião, eu estive na Argentina, tive contato [*ATÉ COM O JORNALZINHO DE UMA ESCOLA*] que tinha citado um livro meu, eles me trouxeram, e eu tenho muita vendagem na Espanha. Agora, as outras línguas nas quais eu... você sabe, fica muito difícil o contato com crianças que falam hindu [risos] Falam hindu, falam chinês, falam vietnamita, falam gujarati, falam hindi... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2003. Ruth Rocha).
- (14) **Paulo César Pinheiro:** [...] E eu, na falta deles, aqueles motivos melódicos que eu passava para cada um na hora de compor, já com um pedaço de letra, comecei a fazer sozinho, desenvolver sozinho.  
**Paulo Markun:** Você faz cantando a música?  
**Paulo César Pinheiro:** Eu [*ATÉ PEGUEI VIOLÃO NO MEU COMECINHO*], mas quando eu comecei a ser parceiro de violonistas virtuosos, como eram o Baden [Powell], o João [Gilberto], como era o Raphael Rabello, o Dori, que tem um violão especial e tal, eu larguei o violão de lado e nunca mais peguei. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2004. Paulo César Pinheiro).
- (15) **Reinaldo Azevedo:** Você disse que acata a morte, evidentemente, mas não aceita. Pelo conjunto das coisas que você fala, você não alimenta nenhuma crença, pelo menos organizada, numa religião ou coisa parecida? Não obstante, pode parecer uma pergunta jocosa, mas é que eu quero saber mesmo como é que você organiza a sua coisa. No Rabo de foguete, mais uma vez, você recorre a uma vidente, em Buenos Aires, às vezes por uma questão muito pessoal, mas [*ATÉ TEVE UMAS QUESTÕES POLÍTICA EM QUE VOCÊ RECORREU*]. Como é que é esse negócio? (MEMÓRIA RODA VIVA. 2001. Ferreira Gullar).

Para além da possibilidade de recrutar sintagmas de diferentes tipos para a posição de X, a sequência [*ATÉ X*] parece combinar-se relativamente bem com diversas outras construções, como, por exemplo, construções passivas como em (16), construções de verbo auxiliar – inclusive intercalada entre o verbo auxiliar e principal – como em (17), construções comparativas como em (18), em construções de inversão como em (19), em orações adverbiais, como em (20);

- (16) Então, o governo federal tem uma responsabilidade maior pelo ensino superior, por regular a questão do ensino superior desde a Constituição de 1988. Agora, o que confunde um pouco o ambiente é: no governo anterior, você tinha aparentemente uma política mais ou menos clara de quais os rumos que se queria para o ensino superior. Inclusive, aparentemente, {*FOI [ATÉ CHAMADA DE NEOLIBERAL], A POLÍTICA DO GOVERNO ANTERIOR*}. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2005. Tarso Genro).
- (17) **Assis Angelo:** Eu {*VOU [ATÉ DIZER UMA COISINHA AQUI]*}, Markun, rapidamente. Eu tenho, há cinco anos, um programa na Rádio

- Capital que é líder de audiência, 300 mil pessoas por minuto me ouvindo [...] (MEMÓRIA RODA VIVA. 2002. Inezita Barroso).
- (18) **Dunga:** Se nossos telespectadores estão atentos, o que acontece comigo também aconteceu com o Felipão, com o Zagallo, com todos os treinadores que tivemos. É preciso ter confiança no seu trabalho, na sua capacidade, fazer o seu trabalho, ter coerência naquilo que se faz e colocar em prática. Se vai continuar, o resultado é que comanda tudo. Não adianta as pessoas ficarem exaltadas, nervosas e falarem. O Felipão passou pela mesma situação em 2002 e {*FOI [ATÉ PIOR] DO QUE A MINHA*}. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2009. Dunga).
- (19) **Gabriela Leite:** Não, poucas, mas eu conheço. Hoje em dia, por exemplo, se você for nessas boates chiquérrimas aqui em São Paulo, mesmo lá no Rio, você encontra meninas universitárias. {*ESTÁ [ATÉ NA MODA] MENINA UNIVERSITÁRIA NA PROSTITUIÇÃO*}. Na minha época era mais difícil. Teve uma, mas não foi prostituta, uma cafetina famosa lá de uma cidade do interior, que até fizeram um livro sobre ela... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2009. Gabriela Leite).
- (20) **Júlio Moreno:** {*O SENHOR JÁ FEZ VÁRIAS CRÍTICAS ÀS UNIVERSIDADES, [ATÉ DIZENDO QUE ELAS CHEIRAM A MOFO, NÃO SE RECICLAM]*}, já houve alguma universidade que o chamou para contribuir num projeto de mudança curricular para a formação de pedagogos que cheguem próximo às suas ideias, se alguma o fizesse, que recomendações o senhor daria? (MEMÓRIA RODA VIVA. 2008. Tião Rocha).

As funções sintáticas que o elemento X na construção [ATÉ X] pode expressar também são muito diversas, como revelam os exemplos de (21) a (26), em que se observam as funções de sujeito, predicado, objeto direto, predicativo do sujeito, adjunto adnominal e adjunto adverbial, respectivamente.

- (21) **Heloísa Helena:** Tereza, por Nossa Senhora, não seja uma "boca de praga" de dizer que nós não vamos superar a cláusula de barreira. [risos]  
**Tereza Cruvinel:** Mas não é? [*ATÉ PARTIDOS MAIORES*] não irão!  
**Heloísa Helena:** Mas nós vamos fazer um esforço gigantesco e inimaginável. Com certeza o povo brasileiro, democrático, saberá compreender a importância que tem um partido como PSOL e votará no 50 [legenda do PSOL] e nós vamos superar a cláusula de barreira. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2006. Heloisa Helena).
- (22) **Jorge Furtado:** Os filmes anteriores fizeram boa bilheteria e esse filme agora é um filme com elenco incrível, uma comédia. A gente não conseguiu captar nada para o filme. O dinheiro para a produção foi de dois concursos públicos, mais a Columbia [Columbia Pictures], mais a Globo Filmes. A gente não conseguiu alguém que investisse. Isso continua tão difícil quanto, senão mais difícil do que já foi. E continua difícil tirar as pessoas de casa para ir ao cinema. *As pessoas que vão [ATÉ GOSTAM]*, mas não vão. Pouca gente vai ao cinema e pouca gente vai

- ver filmes brasileiros... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2007. Jorge Furtado).
- (23) **Paulo César Pinheiro:** É, bom, eu não sou religioso, *sou* [ATÉ MEIO AGNÓSTICO]. Conheço algumas religiões, os preceitos básicos de algumas, sou fascinado, acima de todas, pela afro-brasileira, a qual me atrai mais, até porque eu sinto muito mais essas coisas quando faço uma canção samba afro-brasileira. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2004. Paulo César Pinheiro).
- (24) **Ruth Rocha:** Não dá um livro para crianças. No entanto, você pode explicar para ela. Então, você pode fazer um livro sobre sexualidade com os fatos: como é, como é que nasce criança, como é que é concebida... *existem excelentes livros* [ATÉ DE FIGURAS] [risos], que mostram como é que é, e eu acho que deve levar para a criança, de acordo com a necessidade da criança, com os desejos de saber... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2003. Ruth Rocha).
- (25) **Paulo César Pinheiro:** Tinha uma biblioteca, eu morava em São Cristóvão, tinha uma biblioteca no centro da cidade, biblioteca Castro Alves, hoje é um bingo. [risos] Para você ver. E eu me associei à biblioteca e a gente podia levar dois livros para casa a cada dois e eu nunca mais parei de levar livros para casa, lia sedentamente de tudo. Eu lia os gregos, com essa idade comecei a ler assim e ninguém me dizia assim: leia tal livro! Não. Eu ia e pegava um e lia tudo, *li* [ATÉ A METAMORFOSE], que é uma leitura pesada do [Franz] Kafka ... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2004. Paulo César Pinheiro).
- (26) **Tarso Genro:** Mas esse conselho, inclusive, será formado por essa pluralidade e determinado pela autonomia da universidade, não é o governo que vai nomear os conselheiros.  
**Paulo Gomes Cardim:** *Mas a redação do artigo 20 já está delimitativa* [ATÉ NAS FUNÇÕES DO QUE VAI SER], por isso que eu estou dizendo. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2005. Tarso Genro).

A análise da forma da sequência [ATÉ X] empreendida neste trabalho, portanto, aponta para uma construção com grau esquemático significativo, em que o elemento X pode ser preenchido por sequências de tamanho e configuração sintática diversificados, além de a sequência em si poder ser combinada com um conjunto amplo de construções da língua. A próxima subseção analisará os aspectos funcionais associados à construção.

### A função de [ATÉ X]

As instâncias de (11) a (26), acima, registram contextos estruturais diversificados de utilização da sequência [ATÉ X]. O que esses contextos parecem compartilhar é o fato de que as sentenças em que [ATÉ X] ocorre poderiam passar por estruturas estruturalmente aceitáveis

mesmo com a extração do elemento *até* (compare-se, a título de exemplo, *O Gullar recebeu até uma carta do Niemeyer* com *O Gullar recebeu uma carta do Niemeyer* ou *As pessoas que vão até gostam* com *As pessoas que vão gostam*). O que muda, evidentemente, quando ocorre o uso da construção [ATÉ X] é a veiculação da semântica de inclusão *lato sensu*. Em todos os casos, a informação apresentada na sequência [ATÉ X] parece sinalizar alguma espécie de inclusão, parafraseável na forma do elemento lexical “inclusive”, havendo casos em que ele coocorre no co-texto (vide, por exemplo, a instância reproduzida em (16), acima).

Contudo, o aspecto semântico de inclusão mais ou menos evidente em todas as instâncias apresentadas não parece ser a única especificação a ser postulada para o campo da função da construção [ATÉ X] na rede. A semântica escalar proporcionada pelo elemento *até* e já mencionada na literatura permite interpretações no domínio da EI, mais especificamente na dimensão da estrutura proposicional da sentença. Ao observarmos um exemplo como (2), retomado aqui como (27), em um contexto reduzido, podemos observar que a entrevistada inclui o atributo *CONSERVADORAS* no rol de propriedades atribuídas a suas colegas:

- (27) **Gabriela Leite:** [...] Não é o meu caso, tenho uma família pequena, mas as prostitutas têm família grande, muitos filhos e tal, evidentemente. *São muito boas mães e às vezes [ATÉ CONSERVADORAS]*. Eu tenho colegas que têm o maior sonho que a filha case virgem. [risos] (MEMÓRIA RODA VIVA. 2009. Gabriela Leite).

A atribuição desse rótulo se dá através de sua inclusão em uma escala que, além de pressupor a inclusão de outros elementos – no caso em questão um outro atributo (*boas*) é mencionado no co-texto, – enquadra *conservadoras* em uma espécie de limite de uma escala. Esse limite sugere a pressuposição de que talvez o interlocutor não esperasse que prostitutas pudessem ser mães conservadoras, o que acaba se tornando evidente também através do contexto (no enunciado posterior, a entrevistada exemplifica seu posicionamento, ao que se seguem risos). Outro exemplo interessante e bastante similar ao (27) pode ser conferido em (24), reproduzido abaixo como (28), no qual a entrevistada informa que existem bons livros para crianças sobre sexualidade:

- (28) **Ruth Rocha:** [...] Então, você pode fazer um livro sobre sexualidade com os fatos: como é, como é que nasce criança, como é que é concebida... *existem excelentes livros [ATÉ DE FIGURAS]* [risos], que mostram

como é que é, e eu acho que deve levar para a criança, de acordo com a necessidade da criança, com os desejos de saber... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2003. Ruth Rocha).

Ao incluir o referente do sintagma preposicionado “de figuras” em uma escala de atributos dos livros sobre sexualidade, a entrevistada enquadra o atributo no limite de possibilidades, sugerindo que talvez o interlocutor pudesse não esperar que livros infantis sobre sexualidade pudessem conter figuras, o que também acaba provocando risos, sinalizando uma quebra de expectativa que, dado o contexto comunicativo, resulta em certo grau de comicidade.

Mais um exemplo interessante é o (22), reproduzido aqui como (29), de forma mais reduzida:

(29) E continua difícil tirar as pessoas de casa para ir ao cinema. *As pessoas que vão [ATÉ GOSTAM]*, mas não vão. Pouca gente vai ao cinema e pouca gente vai ver filmes brasileiros... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2007. Jorge Furtado).

Aqui a construção atrai, para a posição X, um predicado codificado na forma GOSTAM. Com isso, o entrevistado, mesmo sem mencionar outros elementos de um possível conjunto, diferentemente do que aconteceu nos exemplos (27) e (28), inclui o fato de as pessoas gostarem de filmes brasileiros no limite de uma escala, o que promove uma quebra de expectativa ou pode causar surpresa, pelo fato sugerir que o interlocutor talvez não esperasse que as pessoas que vão ao cinema pudessem gostar dos tipos de filme sob discussão.

As instâncias de uso apresentadas também parecem compartilhar a propensão a ocorrerem no domínio focal da sentença, ou seja, em todos os exemplos, de (11) a (26), a construção [ATÉ X] parece estar disposta na parte da sentença que concentra o bloco informacional capaz de distinguir informação pressuposta daquilo que é tido como informação nova, a saber, a asserção. Para se ter maior clareza sobre essa afirmação, observe-se, com maior escrutínio, o exemplo (25), retomado abaixo como (30), em um contexto mais reduzido:

(30) Eu lia os gregos, com essa idade comecei a ler assim e ninguém me dizia assim: leia tal livro! Não. Eu ia e pegava um e lia tudo, {li [ATÉ A METAMORFOSE]}, que é uma leitura pesada do [Franz] Kafka ... (MEMÓRIA RODA VIVA. 2004. Paulo César Pinheiro).

Observando a sentença *li até A Metamorfose*, indicada entre chaves, é possível constatar que a ausência de elemento lexical para marcar sujeito associada à flexão do verbo evoca a pressuposição de que o falante considera que seus interlocutores compartilham – ou estão dispostos a assumir como dado – o referente acerca do qual a sentença é relevante do ponto de vista informacional, no caso a primeira pessoa, o falante. A presença do verbo na forma *li* evoca a pressuposição de que o falante leu algo, na forma abstrata “li X”. Essa pressuposição é ancorada contextualmente, já que é sobre leitura que o entrevistado está falando no contexto anterior, tendo reiteradamente mencionado o verbo ler, na primeira pessoa. Na sentença em questão, o que o falante afirma é que o elemento X que ele leu pode ser identificado como sendo A METAMORFOSE, o que nos faz identificar o referente da sequência *A Metamorfose* como o foco da sentença e capaz de diferenciar pressuposição e asserção (pressuposição: li X; asserção: o elemento X pode ser identificado como A Metamorfose; Foco: A Metamorfose).

Diante das observações feitas até então, verificamos que a sequência [ATÉ X] pode estar correlacionada a ao menos três funções específicas: (i) a semântica de inclusão, como já amplamente defendido na literatura sobre o elemento *até*, enquadrando o elemento codificado em X nos limites de uma escala; (ii) o acionamento de uma pressuposição que sugere ao interlocutor que o referente evocado em X seria o menos esperado para ocupar aquela posição em uma determinada escala; e (iii) a associação ao domínio de foco da sentença.

## Discussão

Curiosamente, de todas as instâncias de uso real da língua investigadas para este artigo, a sequência [ATÉ X] ocorre no domínio de foco, ou seja, o elemento X codifica o referente focalizado na sentença. Uma forma de confirmar se de fato as sequências [ATÉ X] nas instâncias utilizadas para análise ocorrem sob o escopo da asserção e, portanto, no domínio focal da sentença, pode ser a aplicação do teste da mentira, já apresentado e discutido na seção de fundamentação teórica deste artigo. Em (11) “O Gullar conseguiu [ATÉ UMA CARTA DO NIEMEYER]”, se alguém, visando a aplicar o teste da mentira diz “Não é verdade que o Gullar conseguiu até uma carta do Niemeyer” nega a asserção de que tenha sido uma carta o que o Grulla conseguiu (ele pode ter conseguido outra coisa, pois avaliando o contexto, sabe-se que Ferreira Gullar, já pressuposto por participar da entrevista e ter sido mencionado no contexto



anterior, havia feito um projeto para construção na frente do museu no Ibirapuera). Em (12), a avaliação que Rubem Alves faz na construção relativa explicativa em que a sequência [ATÉ GOSTOSO] ocorre, quando desafiada pelo teste da mentira, coloca em questão apenas a caracterização dos alimentos como saborosos ou não<sup>10</sup>. Em (13), quando a sentença é desafiada pelo teste, põe em xeque o fato de Ruth ter tido contato com o jornalzinho da escola. Em (14), contesta o fato de Paulo Cesar Pinheiro ter pegado o violão no comezinho e, em (15) questiona a própria existência de questões políticas, em que Gullar possa ter recorrido ao auxílio de uma vidente. Se o teste da mentira for aplicado a todos os exemplos, será possível confirmar que a asserção desafiada pelo teste em cada uma das sentenças inclui os elementos associados à forma X, na cadeia [ATÉ X] e que os referentes codificados pela forma X contribuem para a diferenciação entre pressuposição e asserção.

O elemento X na sequência [ATÉ X] com semântica de inclusão parece não estar associado de forma prototípica ao domínio da pressuposição da sentença. Esse argumento pode ser observado se se tentar desenvolver uma estrutura em que [ATÉ X] ocorra necessariamente no escopo da pressuposição em uma sentença declarativa simples, como será possível ver mais abaixo, com os exemplos criados através da investigação introspectiva. Ao assumir um exemplo de estrutura típica de foco no predicado, a qual divide a sentença em tópico e comentário de uma forma não marcada, como em (31), verifica-se que *João* pode ser interpretado como o tópico da sentença, ao passo que a sequência *está trabalhando* pode ser interpretada como o comentário, ou seja, o predicado como um todo se encontra no domínio focal da sentença.

(31) João está trabalhando.<sup>11</sup>

Uma sentença como essa pode ser utilizada como uma resposta a uma questão como *E como vai o João?* Nesse caso, o falante assume tanto a existência de João, como o fato de João ser agora tópico de relevância acerca do qual a sentença irá tratar<sup>12</sup>. Nesse sentido, a enunciação

<sup>10</sup> No caso em questão, a relativa explicativa é introduzida para que o entrevistado possa fazer uma avaliação sobre os alimentos que o homem do interior está acostumado a comer. Este tipo de construção difere-se das relativas com valor restritivo, que muitas vezes são construídas como pressuposições que contribuem para ativar referentes identificáveis na mente de seus interlocutores.

<sup>11</sup> Todos os exemplos apresentados a partir de agora foram criados pelo autor, com base na análise introspectiva e utilização de testes de ordem estrutural e semântico-pragmática.

<sup>12</sup> São os tipos de pressuposições que Lambrecht (1994, 2000) caracteriza como pressuposição de conhecimento e pressuposição de topicalidade.

de uma sentença como (31), nesse contexto, se coloca como pragmaticamente congruente. Porém, se a sequência em (31) for combinada com o padrão [ATÉ X] de modo que o sujeito da sentença ocupe a posição X, tem-se a sentença apresentada em (32), a qual já não parece totalmente viável pragmaticamente ou esperada em resposta à sentença *E como vai o João?*

(32) Até João está trabalhando.

Nesse caso, uma sentença como a apresentada em (32) seria mais viável em um outro contexto pragmático, no qual o trabalho – ou o fato de um conjunto de pessoas estar trabalhando – figurasse como tópico do discurso, em que o fato de se trabalhar já consista em informação que o interlocutor esteja disposto a assumir como dada ou compartilhada no momento da enunciação. Nesse sentido, João, associado ao elemento *até* na sequência [ATÉ X], parece figurar obrigatoriamente no domínio focal da sentença.

Situação similar parece ocorrer quando outros elementos que geralmente ocupam posição tópica ou são tidos como pressupostos na sentença são atraídos para a posição X na construção sob escrutínio, em sentenças declarativas. Vejamos o exemplo (33) e (34) e suas contrapartidas combinadas com *até* em (35) e (36) respectivamente.

(33) Na minha casa faz calor.

(34) Quando eu estava de folga, meu chefe me ligou.

(35) Até na minha casa faz calor.

(36) Até quando eu estava de folga, meu chefe me ligou.

Em (33), temos um adjunto adverbial de lugar na forma do Sprep *na minha casa*, que pode ser entendido como tópico da sentença, diante de um contexto como “Como estão as coisas na sua casa?”. Nesse caso, assume-se que o interlocutor compreende *na minha casa* como um tópico de relevância sobre o qual se constrói o comentário de que *faz calor*. Em (34), o uso da oração subordinada adverbial temporal enquadra a cena *quando eu estava de folga* como um elemento de fundo, que o falante geralmente assume que o interlocutor estaria disposto a assumir como dado no momento da enunciação, para poder informar sobre a ligação do chefe. Em (35) e (36), a combinação de *até* com os blocos supracitados – anteriormente tidos como pressupostos e, portanto, não focais – parece mudar o entendimento sobre a estrutura informacional das sentenças em questão. Além de enquadrar o elemento X na sequência [ATÉ

X] no limite de uma escala, sugerindo, em (35), que o falante assume que é possível ao interlocutor presumir que sua casa seria um local improvável de fazer calor, e, em (36), que o falante assume que se poderia presumir como improvável que o chefe ligasse no período de folga, a construção [ATÉ X] produz uma quebra de expectativa e incorpora tais elementos no domínio focal da sentença, no escopo da asserção.

De fato, parece haver restrições quanto ao uso da construção [ATÉ X] como tópico da sentença. Nos dados extraídos do banco de dados do Projeto Memória Roda Viva (Fapesp) não houve ocorrência dessa construção combinada com construções de tópico, por exemplo. Para testar essa possibilidade, apresento os exemplos inventados em (37) e (38):

- (37) P: Não temos tido notícias do João. Você sabe como ele vai?  
R: O João, ele está trabalhando.  
(38) P: Não temos tido notícias do João. Você sabe como ele vai?  
R: ? Até o João, ele está trabalhando.

Em termos estruturais, a sentença *Até o João, ele está trabalhando* causa algum estranhamento, ainda que não necessariamente se possa argumentar em termos de sua não aceitabilidade estrutural. O estranhamento em relação à sentença parece estar correlacionado à sua viabilidade pragmática, quando num contexto em que João deve ser interpretado como o tópico da sentença. Casos como (39), porém, parecem ser pragmaticamente mais congruentes. No entanto, a sequência [até ele] não ocupa posição tópica na estrutura tópico-comentário.

- (39) P: Não temos tido notícias do João. Você sabe como ele está?  
R: O João, até ele está trabalhando.

A esse propósito não foram raros exemplos no *corpus*, em que a construção [ATÉ X] acontecia na posição de comentário, em uma estrutura tópico-comentário, tal como postulada por Lambrecht (1994, 2000), ora por meio da segmentação padrão entre sujeito e predicado, em que o predicado se associava a estrutura [ATÉ X], como em (40) e (41) – a mais comum nos dados encontrados – ora por meio de construções específicas, como em (42).

- (40) **Maria Inês Felipe:** Bernardinho, a gente percebe, assim, as pessoas buscando muito o poder. Desculpa voltar para o mundo corporativo, porque é o mundo que eu vivo. {Eu [ATÉ BRINCO QUE EU NÃO

*CONSIGO NEM ESQUENTAR ÁGUA*}}, eu vivo só o mundo corporativo. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2007. Bernardinho).

- (41) **Wagner Moura:** Lamentável. Eu votei em Sérgio Cabral, ele é um político bem-intencionado, eu gosto dele. Mas me parece óbvio que a política de confronto não é a melhor solução para resolver a questão da violência. Matar traficante não é - tem sido assim, inclusive através dos tempos. E está provado que não tem resultado. {*Esse fato de o Exército subir a favela [ATÉ ME SOA MEIO RIDÍCULO]*}}, me parece meio trágico e patético aqueles soldados com fuzis nas favelas. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2008. Wagner Moura).
- (42) **Paulo César Pinheiro:** Não se aprende, poesia não se aprende, isso nasce com a pessoa ou não, não há aula disso, {*de música [ATÉ HÁ]*}}. Para se aprender um instrumento tem que estudar, e a poesia não se estuda. (MEMÓRIA RODA VIVA. 2004. Paulo César Pinheiro).

O que os dados apresentados até o momento parecem indicar é que a semântica de inclusão, que consiste na contribuição do elemento *até* para a construção, enquadra o elemento X nos limites de uma escala, acionando a pressuposição de que o elemento descrito em X seria o menos provável de correr naquele contexto, o que pode contribuir para produzir uma quebra de expectativa. Nesse sentido, parece ser apropriado para o falante informar a seu interlocutor, através de uma asserção, que, a despeito de o elemento descrito em X localizar-se no limite máximo de um conjunto de possibilidades, e com isso ser menos provável de assumir tal posição, ele foi selecionado.

Essa tendência de [ATÉ X] ocorrer no domínio da asserção da sentença parece não ser suficiente para refutar completamente a possibilidade de ocorrência dessa construção no escopo da pressuposição e, portanto, em posição não focal. Em contextos específicos, a possibilidade de a sequência [ATÉ X] ocorrer no escopo da pressuposição parece não ficar de todo anulada. A construção [ATÉ X] parece poder ocorrer em combinação com construções clivadas ou em construções interrogativas de conteúdo (as QU-) justamente no escopo da pressuposição, como demonstram os exemplos (43) e (44), ainda que sejam exemplos inventados, não observados no corpus analisado:

- (43) Foi João que comeu até os ossos do frango.  
(44) Quem comeu até os ossos do frango?

Em (43), a construção clivada consiste em uma construção de foco padrão do português, com semântica identificacional, ou seja, a construção identifica o referente de uma variável x em uma proposição aberta pressuposta (PRINCE, 1978, 1986; LAMBRECHT, 1994, 2001).

Em (44), a interrogativa demanda que o interlocutor forneça um elemento capaz de preencher a variável *x* de uma proposição aberta pressuposta. Nessas construções, a semântica identificacional atribuída ao referente capaz de assumir o foco da sentença parece se sobrepor à semântica de inclusão da construção [ATÉ *X*] e à leitura escalar que ela proporciona, atenuando a quebra de expectativa e permitindo que ela ocorra em segundo plano, consequentemente, no escopo da pressuposição. Esse fato parece se tornar mais perceptível quando ambas as estratégias – clivagem e interrogação de conteúdo – são combinadas, como no exemplo (45).

(45) Quem foi que comeu até os ossos do frango?

Em (45), a estratégia de clivagem associada à interrogativa de conteúdo parece plenamente aceitável. Nesse caso, a quebra de expectativa proporcionada pelo uso do elemento *até*, como já salientado acima, ficaria em segundo plano, já que a função comunicativa da sentença é demandar informação sobre o referente de uma variável *x* em uma proposição aberta, o qual precisa ser identificado. A combinação de clivagem com a interrogativa enfatiza essa demanda, fazendo com que, em uma escala de aceitabilidade e congruência pragmática ela pareça ainda mais plausível do que os exemplos (43) e (44).

Por outro lado, se não são utilizadas as estratégias de clivagem ou interrogativas de conteúdo, [ATÉ *X*] parece retomar para si o domínio focal, como se observa em (46) e (47).

(46) João comeu até os ossos do frango.

(47) Até João comeu os ossos do frango.

Em (46) [Até *X*] combina-se com o objeto direto da oração, incluindo os ossos do frango no limite de uma escala, evocando a pressuposição de que ossos do frango são elementos improváveis de se comer. Nesse caso, o foco recai sobre o referente que é codificado como objeto direto. Em (47) [Até *X*] combina-se com o sujeito da oração, incluindo João no limite de uma escala e evocando a pressuposição de que João fosse o participante do conjunto menos provável de comer os ossos do frango. Nesse caso o referente sujeito assume posição focal. Com isso, parece ser razoável afirmar que, em uma sentença declarativa simples, não combinada com outras construções que assumam a responsabilidade pela marcação do foco na

sentença, o falante utiliza [ATÉ X] no domínio de foco. Evidentemente, a expansão da análise para um conjunto mais robusto de dados reais, associados a julgamentos de aceitabilidade proveniente de um conjunto estatisticamente relevante de participantes poderá contribuir para reforçar ou refutar essa hipótese futuramente.

### **Considerações gerais**

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória que visa investigar o potencial expressivo da cadeia [ATÉ X] no português. Aqui busquei, em uma perspectiva construcionista baseada no uso, analisar essa sequência como uma construção da língua, ou seja, como um pareamento de forma e função. Do ponto de vista da forma, sinalizei que a construção atrai, para a posição X, diversos elementos formais, com funções sintáticas variadas, sendo, além disso, combinável com diferentes construções do português. Do ponto de vista da função, defendi que, de um modo geral, a construção [ATÉ X] tende a ocorrer no domínio focal da sentença, dadas as propriedades semântico-pragmáticas que exibe. Em termos semânticos, a construção [ATÉ X] inclui o participante codificado por X em um conjunto, enquadrando-o nos limites de uma escala. Em termos pragmáticos o elemento *até* parece acionar a pressuposição de que o elemento codificado em X que se encontra nos limites da mencionada escala seria o menos provável de ser selecionado para ocupar a posição X na construção, o que produz um efeito de quebra de expectativa, ou de surpresa segundo a literatura. Essa quebra de expectativa parece fazer parte do que o falante deseja afirmar na sentença. Daí a participação de X codificando o referente que atua como foco da sentença.

Essa hipótese trabalhada no presente artigo pode ser corroborada pelo fato de, quando a construção [ATÉ X] é combinada com elementos que tendem a assumir posição tópica na sentença ou ocupar o domínio da pressuposição – como sujeitos, adjuntos, orações adverbiais – tais elementos passam a ser interpretados como focais. Por outro lado, quando combinada com construções de foco específicas, como clivadas, ou construções que já exibem especificação em termos de estrutura informacional, como as interrogativas de conteúdo, que estabelecem como foco da sentença o elemento QU- (para o qual demandam identificação), a ocorrência de [ATÉ X] parece ser permitida no domínio da pressuposição. Nesse sentido, a semântica identificacional de clivadas e interrogativas QU- parece se sobrepor à semântica



escalar e de inclusão, expressa pela construção [ATÉ X], possivelmente atenuando a quebra de expectativa proporcionada pela construção, que deixa de ser objeto da asserção na sentença.

Os achados proporcionados pela presente pesquisa contribuem para enriquecer a discussão sobre o papel da estrutura informacional da sentença e demonstrar a complexidade de seu arranjo nas construções da língua. Além disso, contribuem para lançar alguns *insights* acerca dos questionamentos levantados na introdução. No que se refere à codificação da EI em construções específicas, ofereci uma descrição breve sobre um padrão construcional da língua e suas especificações em termos informacionais, contribuindo para a descrição de construções do português. No que tange à interação da EI com outros significados nas construções gramaticais, busquei mostrar como aspectos semânticos da construção [ATÉ X] estão associados ao acionamento de pressuposição pragmática, o que acaba fazendo com que a construção seja recrutada para o domínio de foco em sentenças declarativas simples. Este artigo buscou também contribuir para a discussão sobre a combinação de construções da língua com especificações de EI, mostrando que o status dessas construções na língua não parece ser o mesmo, já que a semântica identificacional de construções clivadas e de interrogativas QU-permite que a construção [ATÉ X], sob condições específicas, ocorra no escopo da pressuposição.

Ainda não está claro o conjunto completo de contextos que favorecem a ocorrência da construção nesse domínio. Em todo caso, esse fato coloca dúvidas sobre se a marcação de foco deve ser especificada como uma das funções da construção sob análise ou se ela consiste em um epifenômeno contextual da relação entre sua semântica escalar, associada à sugestão de quebra de expectativa e à combinação com construções que não exibem especificação em termos de EI. Esse fato se reforça, quando lembramos que a estrutura [ATÉ X] pode ocorrer em qualquer estrutura de foco (predicativa, argumental ou sentencial), sem se especializar em um tipo, diferentemente do que ocorre com clivadas e interrogativas, por exemplo. Esse ponto se coloca como um desafio para desenvolvimentos posteriores desta pesquisa.

Ainda que os achados apresentados contribuam para o enriquecimento de discussões sobre a codificação da EI, a descrição de construções do português e a combinação de construções da língua, parece haver um longo percurso para a confirmação do que foi levantado na pesquisa exploratória apresentada neste trabalho. Não foram testados conjuntos amplos de construções de estrutura da informação ou construções com estrutura da informação especificada em combinação com a construção [ATÉ X]. O aumento dos contextos para testes

de aceitabilidade e congruência pragmática, a ampliação do conjunto de dados de uso real da língua e o desenvolvimento de pesquisas quantitativas e experimentais de caráter empírico podem contribuir para consolidar ou refutar os resultados obtidos nesta pesquisa até este ponto.

## Referências

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). *Usage-Based Models of Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network*. How Language Structure is Shaped by Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work – The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Explain me this*. Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GRIES, S. Grammatical variation in English: a question of ‘structure vs. function’? In: GÜNTHER, R.; MONDORF, B. (ed.). *Determinants of grammatical variation in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 155-173.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Journal of Linguistics*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 463-516, 2001.
- LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form*. Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAMBRECHT, K. *Topic, Focus, and the Grammar of Spoken French*. 1986. Thesis (PhD in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1986.

LAMBRECHT, K. When subjects behave like objects. An analysis of the merging of S and O in Sentence-Focus Constructions across languages. *Studies in Language*, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 611-682, 2000.

LANGACKER, R. A Dynamic Usage Based Model. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000. p. 1-63.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1: Theoretical Prerequisites.

LEITE DE OLIVEIRA, D. Estrutura da informação em gramática de construções baseada no uso: o caso da construção pseudoclivada. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 179-206, 2018.

LEITE DE OLIVEIRA, D. Gramática de construções, estrutura da informação e construções interrogativas: evidências do russo sobre um campo de pesquisa em aberto. *Gragoatá*, Niterói, v. 27, p. 52-85, 2022.

LEITE DE OLIVEIRA, D. O tratamento da variação em gramática de construções baseada no uso: a propósito de construções clivadas em português brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 62-82, 2019.

MEMÓRIA RODA VIVA. *Roda Viva*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://rodaviva.fapesp.br>. Acesso em: 5 fev. 2023.

PATTEN, A. L. *The English it-Cleft: A Constructional Account and a Diachronic Investigation*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2013.

PEREIRA, T. L. G.; POGGIO, R. M. G. F.; HEINE, A. E. F. (org.). *Linguística e Literaturas: ensaios*. Salvador: Quarteto, 2004.

PRINCE, E. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language*, [s. l.], v. 54, n. 4, p. 883-906, 1978.

PRINCE, E. On the syntactic marking of presupposed open propositions. In: FARLEY, A.; FARLEY, P.; MCCULLOUGH, K.-E. (ed.). *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory, 22nd Regional Meeting*. [S. l.]: Chicago Linguistic Society, 1986. p. 208-222.

PROJETO MEMÓRIA RODA VIVA. *UOL*, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/programas/rodaviva/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

RAPOSO, E. B. P. et al. (org.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. II.

ROSÁRIO, I. C. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

VIARO, M. E. Considerações acerca de mudanças semânticas da preposição até no português do séc. XIX. In: RAMOS, J. M.; ALKMIN, M. A. *Para a História do Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Editora FALE; UFMG, 2007. p. 78-89. v. 5: Estudos sobre Mudança Linguística e História Social.

VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Gramática da Palavra. Gramática da Frase. Gramática do Texto/Discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

## Unraveling the informational structure of [ATÉ X] in Portuguese, from a usage-based perspective

**Abstract:** This paper explores the potential of expression of the construction [ATÉ X] in Portuguese, under a usage-based construction grammar perspective (LAMBRECHT, 1994; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; CROFT, 2001; DIESSEL, 2019). Two methodological procedures are used for this research: the qualitative analysis of real instances of language use and introspection. As central hypothesis it is claimed: 1) that *até* as a lexicon-grammatical element triggers presuppositions that can be interpreted in the light of the co-text and the communicative context; 2) the constructional pattern [ATÉ X] with inclusion semantics tends to be recruited to the focal domain of the sentence. Results of the analysis indicate that, given the scalar semantics of *até* and the presentation of the element that appears in X at the limit of a scale, the constructional pattern under discussion allows to evoke an presupposition that the participant in X would be the least likely to occupy the X slot, generating a breach of expectation and allowing the interpretation of X under the scope of the assertion and, therefore, as a focal element.

**Keywords:** Até; Information Structure; Presupposition; Assertion; Focus.

**Recebido em:** 25 de fevereiro de 2023.

**Aceito em:** 2 de abril de 2023.